

O sistema literário no Século XX

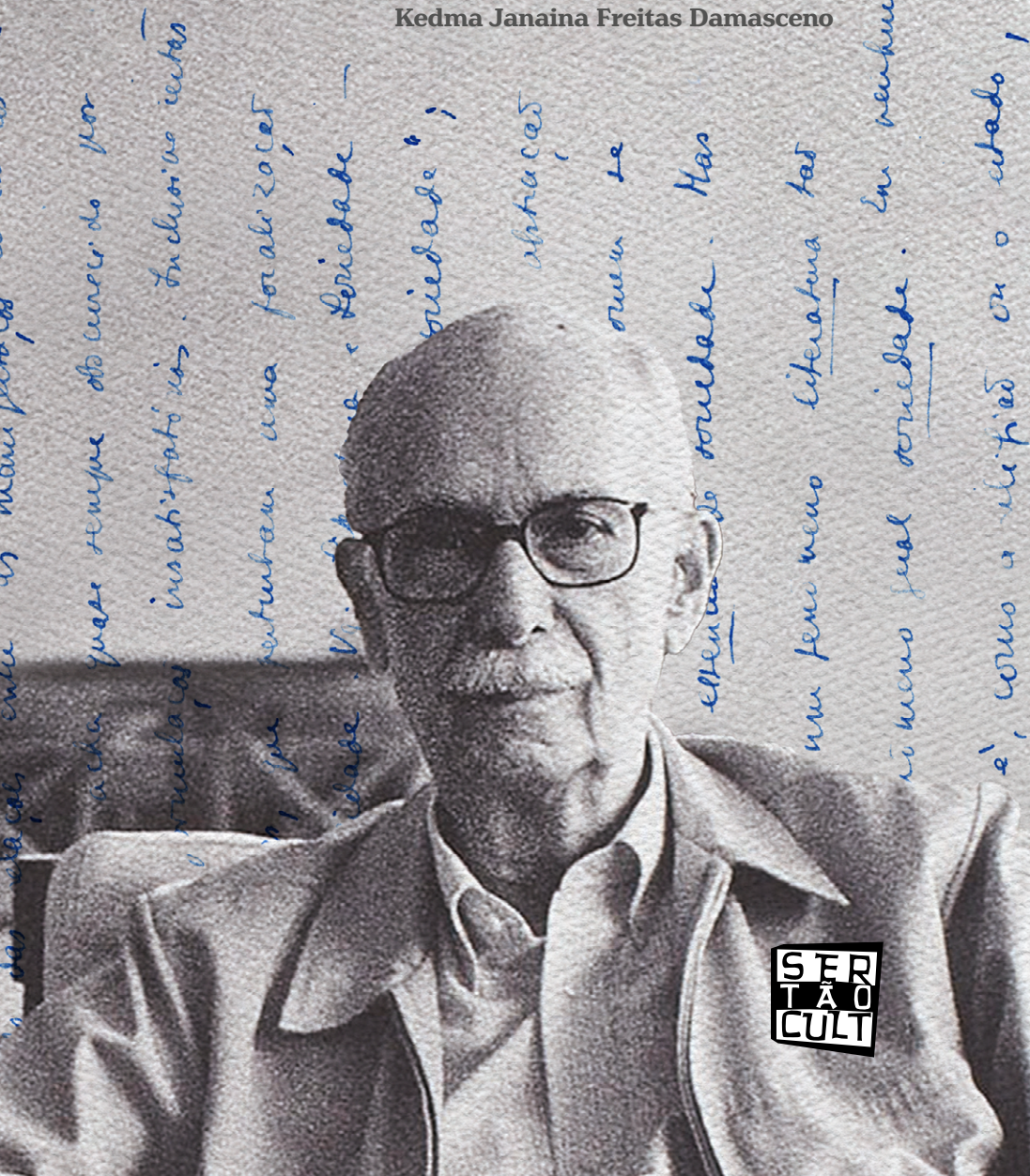
de Lima a Carolina

Organizadoras

Ana Amélia de Moura Cavalcante de Melo

Irenísia Torres de Oliveira

Kedma Janaina Freitas Damasceno



SER
TÃO
CULT



insabir.

ubam una paralizoges

V: Bichuwa + Soriebade -

que "no + toriebade";

se abtracas,

de

lo por

no ientras

a

1950

1950

O sistema literário no Século XX

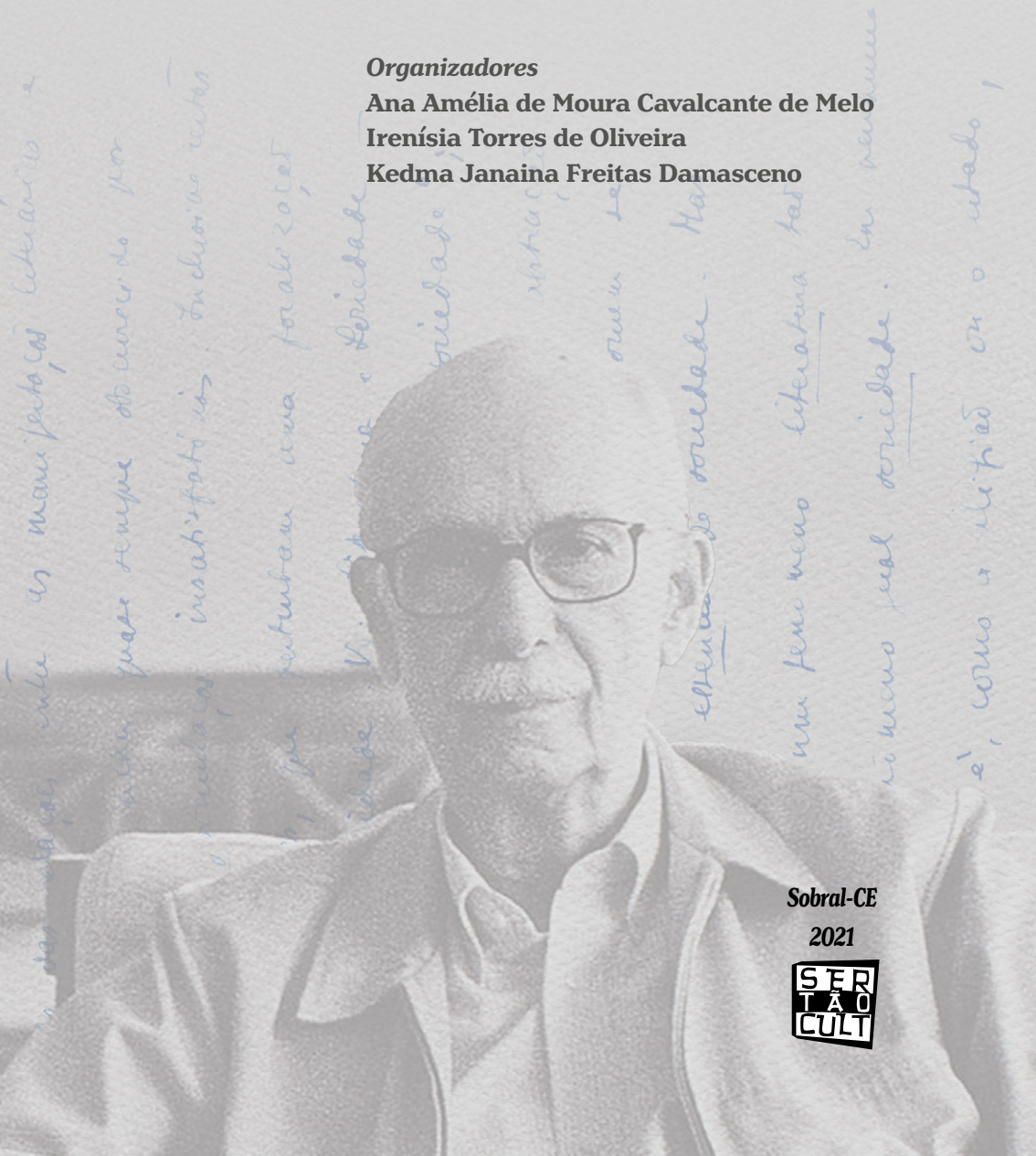
de Lima a Carolina

Organizadores

Ana Amélia de Moura Cavalcante de Melo

Irenísia Torres de Oliveira

Kedma Janaina Freitas Damasceno



Sobral-CE

2021

SER
TÃO
CULT



Gilda de Mello e Sousa e Antonio Candido
em fotografia de Bob Wolferson

O sistema literário no Século XX: de Lima a Carolina

© 2021 copyright by Ana Amélia de Moura Cavalcante de Melo, Irenísia Torres de Oliveira, Kedma Janaina Freitas Damasceno (ORGs.)

Impresso no Brasil/Printed in Brasil



Rua Maria da Conceição P. de Azevedo, 1138
Renato Parente - Sobral - CE
(88) 3614.8748 / Celular (88) 9 9784.2222
contato@editorasertaoacult.com
sertaoacult@gmail.com
www.editorasertaoacult.com

Coordenação Editorial e Projeto Gráfico

Marco Antonio Machado

Coordenação do Conselho Editorial

Antonio Jerfson Lins de Freitas

Conselho Editorial de História

Andréia Rodrigues de Andrade
Antonio Iramar Miranda Barros
Camila Teixeira Amaral
Carlos Augusto Pereira dos Santos
Cícero João da Costa Filho
Francisco Dênis Melo
Geranilde Costa e Silva
Gilberto Gilvan Souza Oliveira
João Batista Teófilo Silva
Juliana Magalhães Linhares
Raimundo Alves de Araújo
Regina Celi Fonseca Raick
Telma Bessa Sales
Tito Barros Leal de Pontes Medeiros
Valéria Aparecida Alves

Revisão

Danilo Ribeiro Barahuna

Diagramação

Francisco Taliba

Capa

Tarcísio Bezerra Martins Filho

Fotografias: montagem a partir de fotos de Antonio Candido (Bob Wolfenson), Lima Barreto (autoria desconhecida, 1910) e Carolina de Jesus (autoria desconhecida, compõe o acervo de Audálio Dantas)

Catálogo

Leolgh Lima da Silva - CRB3/967

S623 O sistema literário no Século XX: de Lima a Carolina. / Ana Amélia de Moura Cavalcante de Melo etc.(Organizadores). – Sobral, CE: Sertão Cult,2021.

258p.

ISBN: 978-85-67960-68-5 - papel
ISBN: 978-85-67960-67-8 - e-book - pdf
Doi: 10.35260/67960678-2021

1. História. 2. Literatura. 3. Literatura brasileira. I. Melo, Ana Amélia de Moura Cavalcante de. II. Oliveira, Irenísia Torres de. III. Damasceno, Kedma Janaina Freitas. IV. Título.

CDD 869.1



Este e-book está licenciado por Creative Commons

Atribuição-Não-Comercial-Sem Derivadas 4.0 Internacional

Sumário

DOI: 10.35260/67960678p.7-28.2021

UMA LIÇÃO DE RESISTÊNCIA QUANDO UM LIVRO NASCE! Apresentação dedicada à memória de Andressa Barbosa de Almeida 7

Adelaide Gonçalves

DOI: 10.35260/67960678p.29-62.2021

LIMA BARRETO E O SISTEMA LITERÁRIO NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX..... 29

Irenísia Torres de Oliveira (UFC)

DOI: 10.35260/67960678p.63-73.2021

EVOLUÇÃO E FORMAÇÃO DAS LITERATURAS LOCAIS 63

Rodrigo de Albuquerque Marques

DOI: 10.35260/67960678p.75-92.2021

VISTO POR DENTRO: UMA ANÁLISE DAS EDIÇÕES DE FORMAÇÃO DA LITERATURA BRASILEIRA A PARTIR DE SEUS PREFÁCIOS..... 75

Rafaela Gomes Lima

DOI: 10.35260/67960678p.93-112.2021

FORMAÇÃO DA LITERATURA BRASILEIRA E SUA COMPREENSÃO SOBRE O REGIONALISMO 93

Nabupolasar Alves Feitosa

DOI: 10.35260/67960678p.113-144.2021

O LUGAR DO ROMANCE DE 30 NA LITERATURA BRASILEIRA 113

José Wellington Dias Soares

DOI: 10.35260/67960678p.145-170.2021

O MOVIMENTO MODERNISTA NO RIO GRANDE DO SUL: SUAS CARACTERÍSTICAS E ESPECIFICIDADES 145

Ricardo Rodrigues Miranda

Irenísia Torres de Oliveira

DOI: 10.35260/67960678p.171-199.2021

AS REVISTAS NO SISTEMA LITERÁRIO: APONTAMENTOS SOBRE A REVISTA LITERATURA (1946-1948)..... 171

Ana Amélia de Moura Cavalcante de Melo

DOI: 10.35260/67960678p.201-207.2021

**UMA REFLEXÃO SOBRE O LUGAR DA LITERATURA POPULAR
NA HISTORIOGRAFIA LOCAL E NACIONAL..... 201**

Marcus Sales

DOI: 10.35260/67960678p.209-231.2021

O CONCRETISMO E O SISTEMA LITERÁRIO BRASILEIRO 209

Kedma Janaina Freitas Damasceno

DOI: 10.35260/67960678p.233-252.2021

**CAROLINA E O SISTEMA LITERÁRIO BRASILEIRO:
NOTAS SOBRE CLASSE E EXCLUSÃO 233**

Emanuel Régis Gomes Gonçalves

SOBRE AS ORGANIZADORAS..... 253

SOBRE OS AUTORES 255



FORMAÇÃO DA LITERATURA BRASILEIRA E SUA COMPREENSÃO SOBRE O REGIONALISMO

Nabupolasar Alves Feitosa

Introdução

*E*m 13 de maio de 1920, no discurso de posse como imortal na Academia Pernambucana de Letras, Manoel de Oliveira Lima, diplomata e escritor pernambucano, “aborda a questão do regionalismo. Para ele, a base das diferenças regionais está na verdade da paisagem física do Brasil, o que provoca a existência de ‘letras regionais com suas peculiaridades e particularidades’” (AZEVEDO, 1984, p. 98). “Nós, pernambucanos, estamos intelectualmente em dívida com um passado que já deveria ter inspirado lindas páginas” (AZEVEDO, 1984, p. 98), escreve o diplomata, principal influenciador de Gilberto Freyre. E continua o discurso de posse de Oliveira Lima:

O senhor de engenho de outros tempos, nem sempre mau para os cativos, antes bastantes vezes mais sinceramente caridoso do que alguns donos de fábricas da atualidade; a dona de casa laboriosa que ao seu lado fazia crescer a família, cuidava da escravaria, atendia ao sustento de tanta gente, pois que eram de manufatura doméstica as farinhas, as carnes-de-vento ou de fumeiro, os requeijões, os doces e bolos, até os vinhos de caju e de jenipapo, são figuras que merecem ser gravadas com o relevo de águas-fortes (LIMA apud AZEVEDO, 1984, p. 98).

Embora Gilberto Freyre estivesse no exterior em 1920, o teor do discurso de posse acima referenciado provavelmente não lhe era surpresa, pois já em 1917, na conclusão do curso de Bacharel em Ciências e Letras no Colégio Americano Gilreath, vem a conhecer Oliveira Lima e deste se torna amigo. Freyre foi o orador da turma, e Oliveira Lima o paraninfo. Gilberto Freyre vai para os Estados Unidos da América (EUA) no início de 1918 para estudar na Universidade de Baylor, em Waco, no estado do Texas, e permanece no exterior até 1923.

Todavia, conquanto parecesse um discurso auspicioso, as palavras de Oliveira Lima não eram senão a continuação de uma longa linhagem de argumentos a respeito da necessidade de se produzir uma literatura que retratasse “a cor local” com o objetivo de ajudar a configurar uma identidade nacional. Essa linhagem de argumentos está muito bem explicitada no livro *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos*, de Antonio Candido (1975), obra publicada em 1959 e base fundamental para este texto, que está dividido em duas partes.

Na primeira parte, faz-se um apanhado, na obra *Formação da Literatura Brasileira*, da presença do elemento nacional identitário na tradição literária do país, ao mesmo tempo em que se mostram

alguns pontos de contato dessa tradição com o regionalismo de Gilberto Freyre.

Já na segunda, a qual trata especificamente do tema regionalismo, com foco na obra de Franklin Távora, fazem-se algumas ponderações acerca do surgimento do regionalismo no romantismo e sua relação com o movimento do Recife do qual Gilberto Freyre foi membro importante.

Formação da Literatura Brasileira e a identidade nacional

No livro *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos*, de Antonio Candido (1975), o crítico faz todo um apanhado que lhe permite concluir, a partir de alguns pressupostos, que “a literatura do Brasil, como dos outros países latino-americanos, é marcada por este compromisso com a vida nacional no seu conjunto...” (CANDIDO, 1975, v. 1, p. 18). Eram países que estavam em formação e precisavam construir uma identidade que os diferenciasse de suas metrópoles colonizadoras.

Aliás, o nacionalismo artístico não pode ser condenado ou louvado em abstrato, pois é fruto de condições históricas – quase imposição no momento em que o Estado se forma e adquire fisionomia nos povos antes desprovidos de autonomia ou unidade. [...] Este processo leva a requerer em todos os setores da vida mental e artística um esforço de glorificação dos valores locais, que revitaliza a expressão, dando lastro e significado a formas polidas, mas incharacterísticas (CANDIDO, 1975, p. 27).

Antonio Candido volta a esse assunto mais tarde no texto “Literatura e Subdesenvolvimento”, no qual ele afirma que “um dos pressupostos ostensivos ou latentes da literatura latino-americana foi esta contaminação, geralmente eufórica, entre a terra e a pátria,

considerando-se que a primeira seria uma espécie de desdobramento natural da pujança atribuída à primeira” (CANDIDO, 2017, p. 170-171).

Candido informa que, em crítica a escritores brasileiros que estiveram em atividade entre a primeira metade do século XVIII e a primeira do século XIX, censurava-se o fato de “não haverem se libertado da *quinquilharia* greco-romana” (CANDIDO, 1975, p. 73), deixando de usar elementos locais nas suas produções.

A censura vem de Ferdinand Denis e Garret, em cujo excelente *Bosquejo da História da Poesia e da Língua Portuguesa*, de 1826, lemos o seguinte: “E agora começa a literatura portuguesa a avultar e enriquecer-se com as produções dos engenhos brasileiros. Certo é que as majestosas e novas cenas da natureza naquela vasta região deviam ter dado a seus poetas mais originalidade, mais diferentes imagens, expressões e estilo, do que neles aparece: a educação européia apagou-lhes o espírito nacional: parece que receiam de se mostrar americanos, e daí lhes vem uma afetação e impropriedade que dá quebra em suas melhores qualidades.” (CANDIDO, 1975, p. 73).

A citação acima lembra a cobrança de Oliveira Lima em seu discurso. É a mesma noção que, segundo Antonio Candido (1975, p. 10), tem Macedo Soares em seu texto *Considerações sobre a atualidade da literatura*, de 1857, a respeito de como deve ser a produção de um poeta, para o qual são necessários requisitos subjetivos (inteligência culta, imaginação viva e sentimentos e linguagem expressiva) e requisitos materiais (tradições, religião, costumes, instituições, história e natureza).

As nossas tradições são “dúpliques”, devendo o poeta, se quiser ser nacional, harmonizar as indígenas com as portuguesas.

“Os costumes são, se assim me posso exprimir, *a cor local da sociedade* (grifo nosso), o espírito do século. Seu caráter fixa-se mais ou menos segundo as crenças, as tradições e as instituições de um povo. Eles devem transparecer em toda a poesia nacional, para que o poeta seja compreendido pelos seus concidadãos”. “Quanto à natureza, considerada como elemento da nacionalidade da literatura, onde ir buscá-la mais cheia de vida, beleza e poesia [...] do que sob os trópicos?”. “Se nossas instituições não nos são inteiramente peculiares, se nossa história não tem essa pompa das páginas da meia-idade, temos ao menos instituições e história nossas.” “Em suma: despir os andrajos e falsos atavios, compreender a natureza, compenetrar-se do espírito da religião, das leis e da história, dar vida às reminiscências do passado; eis a tarefa do poeta, eis os requisitos da nacionalidade da literatura” (SOARES apud CANDIDO, 1975, p. 10).

Essas considerações a respeito de como deve ser o fazer poético são do período do Romantismo, porém Antonio Candido mostra como Cláudio Manuel da Costa, ainda no Arcadismo, explora essa ideia de valorização da cor local. “De todos os poetas ‘mineiros’, talvez seja ele o mais profundamente preso às emoções e valores da terra...” (CANDIDO, 1975, p. 88), considera Candido.

O crítico lembra ainda que Cláudio Manuel da Costa “permaneceu a vida toda escravo das primeiras emoções [...], manifestando uma ‘imaginação da pedra’ [...], em que se exprime a fixação como cenário rochoso da terra natal” (CANDIDO, 1975, p. 88), como em “Aqui entre estas penhas à porfia / Hei de chorar, amigo, a tua morte” (Écloga XI); ou ainda “Lembrando estou, ó penhas, que algum dia” (Soneto XLVII). Em suma, “nos [poemas] de Cláudio, há vultosa proporção de montes e vales, mostrando que a imaginação não se apartava da terra natal e, nele, a emoção poética possuía raízes autênticas” (CANDIDO, 1975, p. 89). Isso não faz de Cláudio

Manoel da Costa um regionalista, mas um poeta que queria demarcar a nacionalidade em alguns aspectos. No caso aqui por meio da própria natureza, do chão, da pedra.

“Os escritores neoclássicos são quase todos animados do desejo de construir uma literatura como prova de que os brasileiros eram tão capazes quanto os europeus” (CANDIDO, 1975, p. 26), e parece que Cláudio Manuel da Costa se insere entre eles.

Esse compromisso com o nacional, por parte dos escritores latino-americanos, a censura de Ferdinand Denis e Garret sobre se libertar da “quinquilharia greco-romana”, as considerações de Macedo Soares sobre utilizar requisitos subjetivos e materiais e a valorização da cor local por Cláudio Manuel da Costa são apenas formas de busca da caracterização do nacionalismo. Nada disso torna essas obras regionalistas, mas produções de artistas que procuram elementos de caracterização do nacional, seja por meio da tradição – ainda que em formação –, seja por elementos locais. Querem mostrar que aqui é diferente de alhures.

Pode parecer que o regionalismo de Gilberto Freyre fosse mais um movimento literário manifestando a herança da busca da nacionalidade na produção escrita, porém esse não era o caso, pois o movimento do Recife – e isso precisa ficar claro desde logo – não era um movimento literário, advindo daí inclusive forte incongruência em se querer comparar o movimento regionalista com o de 1922. Essa diferença foi percebida por João Luiz Lafetá (2000), que via o movimento modernista de 1922 como projeto estético e, o regionalismo, como ideológico.

O regionalismo de Gilberto Freyre, conquanto inspirado em Oliveira Lima – que expressou um sentimento há muito espalhado entre os intelectuais brasileiros de se produzir uma literatura com elementos locais –, não foi um movimento literário, mas político,

social, de base ideológica, nacional e identitária, que visava a influenciar os mais variados ramos da vida social, inclusive o estético, porém, com o intuito de buscar caracterizar uma região politicamente a partir de suas manifestações várias, inclusive – porém não exclusivamente – a cultural (pintura, arquitetura, urbanismo, culinária, literatura, costumes, religião, ecologia etc.), sobretudo porque até a criação do Centro Regionalista do Nordeste, em 1924, praticamente não havia nenhuma produção literária dentro dos moldes sugeridos por Freyre, exceção feita a *Senhora de Engenho*, de Mário Sette (1986), não sendo, portanto, possível se falar em literatura regional até ali pelo menos. Como escreveu José Lins do Rego:

O regionalismo de Gilberto Freyre é este mesmo que há um ano e pouco defendeu num seminário carioca. No plano político é o contrário do estadualismo que a república implantara; no plano artístico é uma sondagem na alma do povo, nas fontes de folclore, no que há de grande e vigoroso na alma popular (REGO, 1968, p. 33).

No programa do Centro Regionalista não há nenhuma referência à literatura, e no Congresso Regionalista do Nordeste, de 1926, não houve palestra de nenhum escritor de ficção. Nem mesmo José Lins do Rego, amigo de Gilberto Freyre, esteve presente no evento. Houve sim recital de poesia nos intervalos das falas, porém, como elemento meramente recreativo.

Em outras palavras, o movimento regionalista freyreano tinha cunho político, social e econômico, buscava influenciar as manifestações culturais, mas não trazia a literatura como interesse central. Como indica Neroaldo Azevedo a respeito do movimento regionalista, “a par de um projeto de natureza política, no que diz respeito aos aspectos econômico e social, esboça-se um plano de ação cultural, sem que haja especificamente uma preocupação com a literatura, de

modo particular” (AZEVEDO, 1984, p. 154). José Lins do Rego também enxergava essa natureza política do regionalismo, daí ter escrito: “com um regionalismo desses é que poderemos fortalecer mais ainda a unidade brasileira” (REGO, 1968, p. 33).

Havia a busca pela caracterização do Nordeste e seus traços identitários. O Nordeste, como identidade regional, era parte da identidade nacional, sendo esta composta, necessariamente, por realidades regionais. Para isso, Freyre vai buscar sua orientação teórica e metodológica em Franz Boas, e sobre este escreve Gilberto Freyre: “o professor Franz Boas é a figura de mestre de que me ficou até hoje maior impressão” (FREYRE, 1996, p. xvii).

Para Boas, a antropologia “deve comparar os processos de desenvolvimento, que podem ser descobertos por intermédio de estudos das culturas de pequenas áreas geográficas” (BOAS, 2004, p. 38). No que se refere ao método comparativo, Franz Boas afirma que ele só terá os efeitos desejados “quando basear suas investigações nos resultados históricos de pesquisas dedicadas a esclarecer as complexas relações de cada cultura individual” (BOAS, 2004, 38).

Nesse ponto, há uma aproximação entre Boas e Candido. Em sua pesquisa, Antonio Candido percebeu que, entre os períodos literários por ele estudados, o Arcadismo e o Romantismo, “se a atitude estética os separa radicalmente, a vocação histórica os aproxima”, daí Candido afirmar que:

Este ângulo de visão requer um método que seja histórico e estético ao mesmo tempo, mostrando, por exemplo, como certos elementos da formação nacional (dado histórico-social) levam o escritor a escolher e tratar de maneira determinada alguns temas literários (dado estético) (CANDIDO, 1975, p. 26).

Partindo do pressuposto de que a literatura se configura como sistema articulado entre autor-obra-público, Antonio Candido sugere que esse sistema é ligado por “denominadores comuns”:

Estes denominadores são, além das características internas (língua, temas, imagens), certos elementos de natureza social e psíquica, embora literariamente organizados, que se manifestam historicamente e fazem da literatura aspecto orgânico da civilização. Entre eles se distinguem: a existência de um conjunto de produtores literários, mais ou menos conscientes do seu papel; um conjunto de receptores, formando os diferentes tipos de público, sem os quais a obra não vive; um mecanismo transmissor, (de modo geral, uma linguagem, traduzida em estilos), que liga uns a outros (CANDIDO, 1975, p. 23).

Tudo isso caracteriza a literatura de qualquer origem. A literatura brasileira pode ser compreendida a partir do funcionamento desse sistema. Uma vez que a literatura produzida no Nordeste faz parte do sistema nacional, não se pode falar em literatura regional – sob o risco de toda literatura ser assim classificada –, mas, quando muito, de literatura nordestina ou de origem nordestina, sem jamais perder de vista que isso é um sistema nacional, jamais um sistema regional, posto que, como obra de arte, independentemente do lugar de fala, trata de questões perenes, e isso de forma alguma é regional, mas universal.

A tomar algumas indicações do livro *Formação da Literatura Brasileira*, mais adequado seria usar o termo *local* em vez de *regional*, porque, aí sim, tem-se um contraste com o universal, sempre ratificando, todavia, o fato de que lançar mão do local não faz do texto literário uma obra regional, estreita, limitada geograficamente.

Fato mais relevante ainda é considerar que a valorização do local, nos países que tiveram um passado colonial, é uma forma

de se contrastar com o “universal” do dominador, é uma forma de nacionalismo identitário do qual nossa literatura parece nunca ter se apartado. Como escreveu Antonio Candido:

Sobretudo nos países novos e nos que adquiriram ou tentaram adquirir independência, o nacionalismo foi manifestação de vida, exaltação afetiva, tomada de consciência, afirmação do próprio contra o imposto. Daí *a soberania do tema local* (grifo nosso) e sua decisiva importância em tais países, entre os quais nos enquadrámos. Descrever costumes, paisagens, fatos, sentimentos carregados de sentido nacional, era libertar-se do jugo da literatura clássica, universal, comum a todos, preestabelecida, demasiado abstrata, - afirmando em contraposição o concreto, espontâneo, característico, particular (CANDIDO, 1975, p. 15).

Essa é a posição crítica de Gilberto Freyre aos “modernistas” e “universalistas”, os quais não atentariam para qualidades da cultura local, mas tinham um olho nos modelos exógenos, europeus.

Que me desculpem a caturrice o escritor Graça Aranha, os outros “modernistas” do Rio e de São Paulo e seus correspondentes nos estados menores: [...] Pode-se dizer que o temperamento brasileiro se revela mais artisticamente no tempero das comidas patriarcais e de rua do que na poesia, em geral destemperada e só de escândalo, dos “modernistas” e “universalistas” (FREYRE, 1968, p. 205).

Destemperada aqui no sentido mesmo de não ter tempero, de não ter o sabor local, de não estar voltado para o que é brasileiro. Para Gilberto Freyre, o “universalismo” era uma forma de descaracterizar, desumanizar e desnacionalizar.

Como observa Costa (2017), “a consciência crítica da *maneira de ser da cultura brasileira* nutre-se da **dialética contraditória entre o local e o universal**”. E continua:

Entre os dois polos (interno/externo) abrem-se *espaços para relevar as carências*, que favorecem uma **tomada de consciência**. Esta, *uma maneira crítica de nos ver e de nos imaginar como comunidade nacional*, reúne condições, tanto na literatura quanto em outras áreas culturais, de levar ao *aprofundamento das sugestões locais*, forma de nosso imaginário que se fazem assim *universais* (COSTA, 2017).

É a partir do local que se faz o caráter universal. Essa ideia está presente no Arcadismo, aprofunda-se no Romantismo – “tributário do nacionalismo” – e serve para Gilberto Freyre, com seus interesses de intelectual orgânico, caracterizar a região Nordeste. Para Freyre, a caracterização do Nordeste se faz pela valorização da cor local.

O “Regionalismo” em *Formação da Literatura Brasileira*

No capítulo VII do segundo volume, intitulado “A corte e a Província”, da obra *Formação da Literatura Brasileira*, Antonio Candido informa textualmente que a obra de Alfredo de Taunay e Franklin Távora “encerra harmoniosamente o período romântico, ao se inscrever em pleno nacionalismo literário” (CANDIDO, 1975, v. 2, p. 296). O intelectual explica que, apesar de alguns críticos entenderem, até com certa razão, que esses dois escritores não pertenceriam ao romantismo, mas a uma fase de transição, ele prefere “enquadrá-los no Romantismo, onde os prende a retomada das preocupações centrais do nacionalismo literário” (CANDIDO, 1975, v. 2, p. 297).

Antonio Candido sugere três etapas a respeito do romantismo. A etapa inicial vai de 1843 a 1857, quando “surgem o senso de urdidura, pelo arranjo do episódio, e a descrição dos costumes, forma elementar de estudo do homem na ficção.” (CANDIDO, 1975, v. 2, p. 296).

A etapa seguinte vai de 1857 (da revelação de Alencar) a 1872, marco inicial da etapa em que “aparecem a poesia do indianismo e os rudimentos de análise psicológica, bem como a descrição dos costumes regionais; este último elemento alarga o panorama, os dois primeiros o aprofundam, trazendo o senso da beleza e a noção da complexidade humana” (CANDIDO, 1975, v. 2, p. 296). Sobre esse trecho, destaque-se que descrição de costumes regionais – inclusive de suas tradições – faz parte da busca pela identidade nacional, e é necessário que isso continue a ser considerado.

Dando continuidade a sua exposição, Candido escreve que a terceira etapa “consiste em dar refinamento à análise, sentido ao regionalismo, fidelidade à observação. Compare-se o regionalismo de Bernardo, puramente romanesco, e o de Távora, a partir d’*O Cabeleira* – voltado para a interpretação social de uma determinada zona” (CANDIDO, 1975, v. 2, p. 296).

Para compreender o que Antonio Candido quer dizer no trecho acima, é importante saber o que é “regionalismo” para ele. No entanto, em *Formação da Literatura Brasileira*, o crítico não esclarece o que entende por esse termo. Em seu ensaio “Literatura e Subdesenvolvimento”, presente no livro *A educação pela noite* (2017), em nota de rodapé, ele escreve: “Uso aqui o termo ‘regionalismo’ à maneira da nossa crítica, que abrange toda a ficção vinculada à descrição das regiões e dos costumes rurais desde o Romantismo” (CANDIDO, 2017, p. 190). Em outra obra, ele afirma que o “regionalismo” está “baseado na descrição de áreas rurais pouco desenvolvidas” (CANDIDO, 2015, p. 83). Essa noção de “regionalismo” de Candido é tomada como ponto para discussão.

Antonio Candido optou por usar o termo “regionalismo” para se referir ao tradicionalismo rural das regiões, mas aí teria sido melhor usar a expressão “tradicionalismo rural” do que “regionalismo”,

porque o uso do termo “regional”, para se referir à obra de arte, pode causar – e de fato causa – confusão e prejudica a compreensão da arte, bem como sua importância e seu valor estético. Assim, cumpre reconhecer que o trato do termo “regionalismo” pode trazer alguns problemas.

Primeiramente, o uso do termo “regionalismo” oferece logo a ideia de um limite geográfico ou – para empregar o termo mais usual – região, que é o máximo que a obra pode descrever. O que passar desse limite está fora do que é região. Ou seja, a obra de arte só descreve o ambiente específico, só se passa numa área com limites fixos.

Segundo, o emprego do “regionalismo” pode ainda indicar o limite do alcance da obra, como se fora dessa delimitação territorial a obra literária não fosse mais arte; ou que essa produção literária só é compreendida como obra de arte na medida em que seja fruída naquela determinada região ou por pessoas da região descrita.

Nos dois casos descritos, vê-se o prejuízo que o uso do termo “regionalismo” causa à própria obra. Pode-se argumentar que Antonio Candido já explicou o que entende por “regionalismo”, mas essa ideia vai se perdendo, e o que fica é a noção de obra literária com limite, o que é contrário à ideia de arte por excelência universal. “Regionalismo” acabou ganhando conotação negativa, como indica o próprio Antonio Candido:

[...] só a partir mais ou menos de 1930, numa segunda fase que estamos tentando caracterizar, as tendências regionalistas, já sublimadas e como transfiguradas pelo realismo social, atingiram o nível das obras significativas [...]. A superação destas modalidades [de regionalismo] e o ataque que vêm sofrendo por parte da crítica são demonstrações de amadurecimento, por isso muitos autores rejeitariam como pecha

o qualitativo de regionalistas, *que de fato não tem mais sentido*. (CANDIDO, 2017, p. 194. Grifo nosso).

O movimento do qual fez parte Gilberto Freyre tinha outro contorno para a ideia de regionalismo, que era diferente desse reducionismo a que o confinam e lançam a todos numa vala comum. Ao que tudo indica, até os dias atuais esse enclausuramento ainda não foi quebrado. A esse respeito, José Lins do Rego escreveu:

O que se chamava regionalismo no Brasil, quando não era uma coisa de superfície, o saudosismo do buriti de Afonso Arinos, todo pitoresco, mais sentimental que cultural, era o caipirismo paulista que atingira com Monteiro Lobato, o seu melhor padrão. Ou então limitavam o regionalismo às extravagâncias de linguagem e traje. [...] Mas no plano das ideias e da literatura, regionalismo era uma limitação, quando não se tornara, no campo político, uma manifestação perniciosa (REGO, 1968, 32-33).

Sendo o Brasil um país muito grande, as regiões desenvolvem costumes e tradições diferentes. Todavia, importa considerar sempre que, sendo a nossa literatura baseada na busca pela identidade nacional, a descrição dos costumes regionais tem o objetivo de jogar luz em uma parte do todo a fim de incluir uma região na identidade nacional. Objetiva-se – pensando nas obras e no sistema literário – fazer com que a produção literária daquela região seja considerada como parte do sistema literário nacional.

Foi o que buscou Franklin Távora na sua produção intelectual. No prefácio a *O Cabeleira*, ele escreve: “As letras têm, como a política, um certo caráter geográfico; mais no Norte, porém, do que no Sul abundam os elementos para a formação de uma literatura propriamente brasileira, filha da terra” (TÁVORA, 1988, p. 10). Ou seja, ele também queria a inclusão da produção literária

do Norte (Norte e Nordeste atualmente) como parte formadora da literatura brasileira e do sistema literário nacional, o que não ocorria por razões não apenas estéticas, mas também econômicas e políticas. A região aqui é destacada, como em toda a produção considerada “regional”, apenas como lugar de fala, não como classificação estética. E isso não é regionalismo, não é um movimento, mas uma manifestação intelectual.

O que Franklin Távora faz aqui mal toca, senão em um ou outro ponto, no que foi o regionalismo do Recife do qual Gilberto Freyre participou. O regionalismo, conforme compreende Antonio Candido (1975; 2015; 2017), surgiu no romantismo porque se optou, em algumas obras, por ambientar a narrativa em área rural, mas aí seria uma literatura rural, em oposição à urbana, e não regional, posto que o ambiente rural existe no mundo inteiro. Ambientar a obra em área rural não faz de seus autores escritores regionalistas, porque isso não era um movimento, senão uma mera opção estética.

Era a partir de Pernambuco que o cearense Franklin Távora escrevia sua obra. Antonio Candido tinha Távora como “o fundador dum tipo especial de regionalismo, de cunho social, que, através de Domingos Olímpio, chegaria até nós com os ‘romancistas do Nordeste’” (CANDIDO, 1975, v. 2, p. 297), referindo-se aqui à chamada geração de 30, composta de Nordestinos como José Américo de Almeida, José Lins do Rego e Rachel de Queiroz.

Como exposto até aqui, sempre houve quem entendesse que certas paisagens rurais deveriam constar nas produções artísticas. O que Franklin Távora faz é escolher qual paisagem seria mais adequada, mas ele não é o criador de um movimento estético com um programa. O prefácio foi apenas a manifestação de um intelectual para as letras nacionais.

A ideia de Franklin Távora era jogar luz sobre a região para que ela fizesse parte do sistema, mantendo suas características marcantes e diferenciadoras. Mais do que um programa, o que Távora aborda no prefácio é um panfleto, a manifestação do desejo de criar uma identidade nacional dentro da literatura em que o Norte esteja incluído. Era ter claras as diferenças para uni-las num todo nacional, brasileiro.

Não vai nisto, meu amigo, um baixo sentimento de rivalidade que não aninho em meu coração brasileiro. Proclamo uma verdade irrecusável. Norte e Sul são irmãos, mas são dois. Cada um há de ter uma literatura sua, porque o gênio de um não se confunde com o do outro. Cada um tem suas aspirações, seus interesses, e há de ter, se já não tem, sua política (TÁVORA, 1988, p. 11).

Como se lê no trecho acima, para Távora, Norte e Sul não são rivais, mas partes do mesmo todo, com o adendo de que o Norte (Nordeste e Norte) precisava ser destacado para, cumprindo seu direito, ser considerado como parte inseparável da identidade nacional, inclusive porque melhor representava a brasilidade por ter sofrido menos influência estrangeira do que o Sul.

A razão é óbvia: o Norte ainda não foi invadido como está sendo o Sul de dia em dia pelo estrangeiro. A feição primitiva, unicamente modificada pela cultura que as raças, as índoles, e os costumes recebem dos tempos ou do progresso, pode-se afirmar que ainda se conserva ali em sua pureza, em sua genuína expressão (TÁVORA, 1988, p. 10).

Nesse sentido, não se pode dizer, como fez Antonio Candido, que essa diferenciação entre as duas regiões “traía de certo modo a grande tarefa romântica de definir uma literatura nacional” (CANDIDO, 1975, v. 2, p. 299), porque, na verdade, era a forma como Távora enxergava de construir a “literatura propriamente brasileira” a partir da descrição de fatos locais, que se passam

naquele ambiente ainda inexplorado pela ficção “nortista”, para que, dando sua devida importância, a literatura produzida no Norte (Norte e Nordeste) fizesse parte do sistema nacional.

E que mais uma vez fique claro que a descrição dos costumes regionais, dos problemas locais, não torna a obra literária em regionalista. A descrição do ambiente não é o objetivo do romance, ainda que haja sugestão – e aí por razões ideológicas – para que as paisagens de determinada região sejam o ambiente da narrativa. O objetivo do romance são as questões humanas atemporais e universais, como as paixões humanas, incluídas aí, para dar apenas alguns exemplos, o amor, o ódio, as brigas, a ganância econômica, como descrito abaixo:

Ora, para ele [Távora] [...], a região não era apenas motivo de contemplação, orgulho ou enlevo; mas também complexo de problemas sociais, sobrelevando (não custa repisar) a perda de hegemonia político-econômica. A guerra dos Mascates lhe interessa como pano de fundo romanesco, mas também como competição entre dois grupos rivais – o fazendeiro e o comerciante – início de crise para o açúcar e, portanto da decadência material já avultada em seus dias (CANDIDO, 1975, v. 2, p. 303).

O objetivo de Távora é realmente, na busca de uma identidade literária nacional, incluir o “Norte”, para usar a palavra da época. Assim, ele não cria nenhum movimento, porém toma para si a tarefa de trazer para as letras nacionais o que o “Norte” tem a oferecer e acrescentar ao sistema literário nacional. No prefácio ele escreve que “todo o Norte enfim, se Deus ajudar, virá a figurar nestes escritos, que não se destinam a alcançar outro fim senão mostrar aos que não a conhecem, ou por falso juízo a desprezam, a rica mina das tradições e crônicas das nossas províncias setentrionais” (TÁVORA, 1988, p. 7-8).

Considerações finais

Na sua indispensável obra *Formação da Literatura Brasileira*, Antonio Candido oferece ao leitor não apenas o apanhado da produção literária brasileira até o romantismo em seus momentos decisivos, mas também, pela sua incalculável erudição, vai trazendo uma série de informações que não são corriqueiras e que ajudam na compreensão da maneira como a nossa literatura brasileira foi sendo formada.

Um dos aspectos mais importantes foi a percepção de que a literatura brasileira está baseada em questões de identidade nacional. Esse fato, explanado também alhures (CANDIDO, 2015), é fundamental na compreensão da literatura brasileira, inclusive da atualidade.

Porém, uma das mais importantes contribuições do *Formação* é a noção de sistema literário, a partir da qual se pode compreender como a literatura brasileira vai se organizando e se formatando, por meio de inclusões e exclusões nesse sistema. O *Formação da Literatura Brasileira*, a partir da noção de sistema literário e da busca por uma identidade nacional, permite compreender as bases que levaram a toda a nossa tradição literária.

Alguma ponderação com o *Formação* – com a probabilidade de que Candido esteja correto – se dá no momento em que trata do que nomeia como “regionalismo”, sobretudo, quando se considera o “regionalismo”, que resultou no movimento do Recife, como tendo suas raízes no romantismo.

Uma obra literária ganha seu status de arte – e isso é uma valiosíssima contribuição de *Formação da Literatura Brasileira* – na medida em que vai sendo aceita no sistema literário. Quando se diz que tal obra é regional – conquanto não seja a ideia de Candido –, traz-se uma carga semântica de limitação e apequenamento da arte, como se discutiu mais acima.

Além disso, o regionalismo, como o conhecemos – aquele que realmente nasce no Recife e cujas reuniões ocorrem na casa de Odilon Nestor – quase não guarda semelhanças com o que Antonio Candido traz em seu *Formação*, no qual considera que o regionalismo nasce em pleno romantismo.

Esse assunto do “regionalismo” e os efeitos da adoção do termo na atualidade será abordado em outro trabalho de maneira mais larga e profunda. Por enquanto, fica marcada aqui apenas uma restrição à adoção do termo e à comparação com o movimento do Recife.

Ademais, o *Formação da Literatura Brasileira*, 60 anos depois de sua publicação, já na sua 16^o edição, entregue ao público em 2017 como edição definitiva, continua sendo obra da mais extrema validade para os estudos literários. O *Formação* não tem apenas valor histórico. É obra, a um só tempo, clássica – e já nasceu clássico – e indispensável.

Referências

AZEVEDO, Neroaldo Pontes de. **Modernismo e regionalismo**: os anos 20 em Pernambuco. João Pessoa: Secretaria de Educação e Cultura da Paraíba, 1984.

BOAS, Franz. **Antropologia cultural**. Tradução de Celso Castro. Rio de Janeiro, Zahar, 2004.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**: momentos decisivos. Vol. 1. 5^a ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1975.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**: momentos decisivos. Vol. 2. 5^a ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1975.

CANDIDO, Antonio. **Iniciação à literatura brasileira**. 7^a ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2015.

CANDIDO, Antonio. Literatura e subdesenvolvimento. *In*: CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2017.

COSTA, Fernando Nogueira da. Formação da literatura brasileira. **Blog cidadania e cultura**, 2017. Disponível em: <https://fernandonogueiracosta.wordpress.com/2017/02/19/formacao-da-literatura-brasileira/>. Acesso em: 08 out. 2019.

FREYRE, Gilberto. **Região e tradição**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1968.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & Senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 31ª ed. Rio de Janeiro/RJ: Record, 1996.

LAFETÁ, João Luiz. **1930**: a crítica e o modernismo. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2000.

REGOREGO, José Lins do. Prefácio. *In*: FREYRE, Gilberto. **Região e tradição**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1968.

SETTE, Mário. **Senhora de Engenho**. Recife: Editora Asa, 1986.

SOARES, Macedo. Considerações sobre a atualidade da nossa literatura. *In*: CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**: Momentos decisivos. Vol. 2. 5ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1975.

TÁVORA, Franklin. **O cabeleira**. 5ª ed. São Paulo: Ática, 1988.



Este livro foi composto em fonte Adobe Garamond Pro, impresso no formato 15 x 22 cm em pólen 80 g/m², com 258 páginas e em e-book formato pdf.
Impressão e acabamento: Gráfica Bueno Teixeira
outubro de 2021.

**Saiba como adquirir o livro
completo no site da SertãoCult**

www.editorasertaocult.com

Editora

**SER
TÃO
CULT**

Em defesa do livro livre! Esse o mote de entrada para começar esta prosa, assinalando em maiúscula e com a letra encarnada o que-fazer do Núcleo Antonio Candido de Estudos Literatura e Sociedade, na Universidade Federal do Ceará, espraiando-se para fora do limite da burocracia institucional e das exigências da ideologia do produtivismo. Se Irenísia Torres e Ana Amélia Cavalcante são suas principais animadoras, fazem-no com a camaradagem de pendor socialista acolhendo sem assimetrias aos estudantes, colegas professores e pesquisadores de distintas áreas do conhecimento. Esta publicação, ao modo de Colefânea de estudos e pesquisas, é uma sementeira do citado Núcleo. Um Tributo a Antonio Candido é também como se pode ler este livro. Nos diversos capítulos, vamos encontrar fulgurações de seu pensamento, não como uma interessada e certificadora referência, mas como um luminoso ponto de partida ou de indagação no novelo das pesquisas. O que é certo é que a leitura anotada à margem, dialogada em sala de aula ou como fruição e partilha do pensamento, motivaram os estudos donde partiu a anotação, a pergunta, a dúvida, o diálogo frutuoso.

